

Terapia comunitária: o impacto das práticas integrativas e complementares no processo saúde-doença

Community therapy: the impact of integrative and complementary practice on the health-disease process

Terapia comunitaria: el impacto de las prácticas integrativas y complementarias en el proceso salud-enfermedad

Recebido: 02/08/2022 | Revisado: 11/08/2022 | Aceito: 12/08/2022 | Publicado: 21/08/2022

Glaziane da Silva Paiva Bandeira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0576-1568>

Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

E-mail: glaziane.enfermeira@gmail.com

Maria Beatriz Figueiredo Paiva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7433-3754>

Universidade de Fortaleza, Brasil

E-mail: beatrizfipaiva@gmail.com

Milena Pereira Patrício da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0209-4106>

Universidade de Fortaleza, Brasil

E-mail: milenappatricao@gmail.com

Ângela Maria Geraldo Sales

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6449-2225>

Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza, Brasil

E-mail: angela.luane08@gmail.com

Thiago Medeiros da Costa Daniele

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1241-7068>

Universidade de Fortaleza, Brasil

E-mail: danielethiago@yahoo.com.br

Mariana Vieira de Melo Bezerra

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9125-182X>

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

E-mail: vieira.bezerra@aluno.uece.br

Davi Oliveira Bizerril

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4547-4130>

Universidade de Fortaleza, Brasil

E-mail: davibizerril@unifor.br

Resumo

A Terapia Comunitária pode ser definida como um espaço comunitário onde se procura partilhar experiências de vida e sabedorias. Objetivo de relatar a vivência, a importância e a eficácia da Terapia Comunitária no processo saúde-doença, pelas experiências vividas por alunas do curso de Medicina e de Psicologia da Universidade de Fortaleza, bolsistas do Programa de Educação Tutorial PET-SAÚDE Interprofissionalidade. Consiste em um relato de experiência, no qual a prática foi realizada na unidade de saúde de atenção primária à saúde Luís Franklin, em Messejana, em Fortaleza - Ceará, onde uma enfermeira da Estratégia Saúde da Família atua como terapeuta comunitária e uma Agente Comunitária de Saúde atua como co-terapeuta neste processo há 3 anos, e, através de um questionário estruturado verificou-se diversos relatos de experiência positivas dos participantes e a importância da terapia comunitária na vida desses pacientes. Os participantes do grupo analisado responderam que se sentem pertencentes a ele e descrevem o ambiente como local de acolhimento, valorização, tranquilidade, alegria, segurança e paz. Desse modo, conclui-se que a terapia comunitária consiste em uma prática integrativa e complementar eficaz e de fácil implementação na Atenção Básica, auxiliando no tratamento das diversas e complexas demandas presentes no contexto social brasileiro.

Palavras-chave: Terapia comunitária integrativa; Terapias complementares; Saúde mental; Atenção Primária à saúde.

Abstract

The Community Therapy can be defined as a community space where life experiences and wisdom are shared. Objective to report the experience, importance and effectiveness of Community Therapy in the health-disease process, through the experiences of students of the Medicine and Psychology course at the University of Fortaleza, scholarship

holders of the PET-SAÚDE Interprofessional Education Tutorial Program. It consists of an experience report, in which the practice was carried out at the Luís Franklin primary health care unit, in Messejana, in Fortaleza – Ceará, where a nurse from the Family Health Strategy Works as a community therapist and a Community Health Agent has been working as a co-therapist in this process for 3 years, and, through a structured questionnaire, several reports of positive experiences of the participants were verified and the importance of community therapy in the lives of these patients. Participants in the analyzed group responded that they felt they belonged to it and described the environment as a place of reception, appreciation, tranquility, joy, security and peace. In this way, it is concluded that community therapy consists of an effective integrative and complementary practice that is easy to implemented in Primary Care, helping to deal with the diverse and complex demands present in the Brazilian social context.

Keywords: Integrative community therapy; Complementary therapies; Mental health; Primary Health Care.

Resumen

La Terapia Comunitaria se puede definir como un espacio comunitario donde se comparten experiencias de vida y sabiduría. Objetivo relatar la experiencia, importancia y eficacia de la Terapia Comunitaria en el proceso salud-enfermedad, a través de las vivencias de estudiantes de la carrera de Medicina y Psicología de la Universidad de Fortaleza, becarios del Programa Tutoría de Educación Interprofesional PET-SAÚDE. Se trata de un relato de experiencia, en el que la práctica fue realizada en la unidad de atención primaria de salud Luís Franklin, en Messejana, en Fortaleza – Ceará, donde una enfermera de la Estrategia Salud de la Familia actúa como terapeuta comunitaria y Agente Comunitario de Salud actúa como coterapeuta en este proceso desde hace 3 años y, a través de un cuestionario estructurado, se verificaron varios relatos de experiencias positivas de los participantes y la importancia de la terapia comunitaria en la vida de estos pacientes. Los participantes del grupo analizado responderán que se sentían pertenecientes a el y describieron el ambiente como un lugar de acogida, aprecio, tranquilidad, alegría, seguridad y paz. De esta forma, se concluye que la terapia comunitaria consiste en una práctica integradora y complementaria eficaz y de fácil implementación en la Atención Primaria, ayudando a lidiar con las diversas y complejas demandas presentes en el contexto social brasileño.

Palabras clave: Terapia comunitaria integrativa; Terapias complementarias; Salud mental; Atención Primaria de Salud.

1. Introdução

No decorrer dos anos, diversas inovações têm sido adotadas pelo Ministério da Saúde em relação aos métodos de tratamento no processo saúde-doença, pois o uso isolado de medicamentos não se mostra eficaz na recuperação do paciente diante de um agravo de saúde. Diante desse fato e visando à promoção e prevenção de futuras doenças, foram adotadas diversas práticas para poder complementar o tratamento medicamentoso (Urits et al., 2021).

Em 2006, através da Portaria GM/MS nº 971, o Ministério da Saúde aprova a implantação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PNPIC), que abrange o conjunto de práticas e ações terapêuticas que não estão presentes na biomedicina. O Sistema Único de Saúde (SUS) oferece, atualmente 29 procedimentos de Práticas Integrativas e Complementares (PICS) à população, de forma gratuita e integral, concedidos na Atenção Básica de Saúde (Brasil, 2006).

Ao atuar nos campos da prevenção de agravos e da promoção, manutenção e recuperação da saúde baseada em modelo de atenção humanizada e centrada na integralidade do indivíduo, a PNPIC contribui para o fortalecimento da atenção básica e dos princípios fundamentais do SUS. Nesse sentido, o desenvolvimento desta Política deve ser entendido como mais um passo no processo de implantação do SUS, e, é justamente como uma prática complementar que a terapia comunitária se insere no SUS (Brasil, 2008).

Em meio à diversidade de terapias complementares, atribui-se maior ênfase à terapia comunitária (TC), também conhecida como terapia comunitária integrativa (TCI), tendo em vista os relatos sobre sua contribuição, sua eficácia e seu apoio no enfrentamento das dificuldades do indivíduo em seu dia a dia. A TC aborda holisticamente o indivíduo, ajudando-o em sua inserção social, no resgate de sua autonomia e em seu fortalecimento pessoal por meio de relações sociais construídas (Mourão, 2016; Moura et al., 2017; Urits et al., 2021).

Essa terapia pode ser definida como uma metodologia de intervenção em comunidades por meio de encontros

interpessoais e intercomunitários em um espaço comunitário onde se procura partilhar experiências de vida e sabedorias, de maneira horizontal e circular, em um ambiente acolhedor e caloroso no qual todos se tornam corresponsáveis na busca de soluções e superação para os desafios do cotidiano (Carvalho et al., 2021).

Desta forma, a terapia comunitária tem como objetivos valorizar a dinâmica interna de cada indivíduo, fortalecendo sua autonomia; reforçar a autoestima individual e coletiva; redescobrir e ampliar a confiança em cada indivíduo a partir do autoconhecimento; potencializar o papel da família e de sua rede de relações; promover sentimentos de união e identificação com os valores culturais locais por parte das pessoas, famílias e grupos; favorecer o desenvolvimento comunitário através da restauração e fortalecimento dos laços sociais; valorizar as instituições e práticas culturais tradicionais; tornar possível a comunicação entre o saber científico e o saber popular e, estimular a participação como requisito fundamental para promoção da consciência coletiva e estímulo para ser agente de sua própria transformação (Carvalho et al., 2021).

A TC foi criada pelo médico psiquiatra Adalberto de Paula Barreto, em Fortaleza no estado do Ceará (CE). Seu objetivo é constituir um recurso do processo saúde-doença para pessoas em situação de sofrimento, além disso fortalecer a construção de vínculos solidários, valorização das experiências de vida dos participantes, do resgate da identidade, da restauração da autoestima e ampliação da percepção dos problemas e possibilidades de resolução a partir das competências locais. Dessa forma, passou a ser um ato terapêutico, implantado na atenção básica de saúde dos municípios por meio da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do SUS. A partir desta Política, a TC faz parte do SUS atuando na Estratégia Saúde da Família (ESF) e é desenvolvida em quinze estados do país (Andrade & Araújo, 2019).

Diante do exposto, tem como objetivo relatar a vivência, a importância e a eficácia da TC em uma unidade básica de saúde. Além disso, este trabalho tem o propósito de solidificar a importância e a eficácia do uso da terapia comunitária integrativa como forma de complementar a terapia medicamentosa, melhorando a qualidade de vida do paciente e prevenindo agravamento de doenças, assim como empoderá-los para lidar com as questões sociais.

2. Metodologia

Trata-se de um relato de experiência, vivenciado por bolsistas do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) Interprofissionalidade dos cursos de Medicina e de Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) em um grupo terapêutico de terapia comunitária. A pesquisa foi realizada na Unidade de Atenção Primária à Saúde (UAPS) Luís Franklin, no bairro Messejana, em Fortaleza no estado do Ceará. A UAPS é uma unidade de saúde básica, inserida na Estratégia Saúde da Família, e oferece os seguintes serviços: puericultura, pré-natal, planejamento familiar, prevenção ginecológica, saúde do idoso, saúde mental, visitas domiciliares, núcleo de desenvolvimento infantil, sala de coleta de leite materno. Além disso, a unidade oferece grupos para gestantes, mães com bebês e terapia comunitária.

O relato de experiência é um trabalho que expõe uma experiência detalhada para que possa contribuir de forma significativa para a área da pesquisa. Há um detalhamento da experiência vivida por um ou mais autores da pesquisa (Pedroso et al., 2022).

A terapia comunitária, que se insere na Saúde Mental, tem como a terapeuta e a co-terapeuta, autoras deste manuscrito, que atuaram durante 4 anos, de janeiro/2016 a março/2020, reunindo-se todas as terças feiras, de 08:00 às 09:30 da manhã. Este artigo traz o relato de duas acadêmicas de cursos da saúde, uma de Psicologia e a outra da Medicina, também autoras deste artigo.

A observação é um dos instrumentos utilizado de forma ampla dentro das pesquisas, preferencialmente sociais e humanas. A observação, sob algum aspecto, é imprescindível em qualquer processo de pesquisa científica”. Por esta técnica entende-se não só o sentido comum definido por uma “captação precisa do objeto examinado” (Richardson, 1999). Entretanto, para o desenvolvimento desta pesquisa foi utilizada a observação participante onde segundo Ferreira & Mousquer (2004)

relatam que o pesquisador, na observação, participa ativamente com o fenômeno observado, que pode ser uma comunidade ou grupo. Assim, observador e observado ficariam no mesmo nível, vivenciando as mesmas situações que o observado. Dessa forma, os pesquisadores interferem no campo, observam os participantes e registram em um caderno de anotações todos os fenômenos que lhe surgem.

O questionário é preconizado em algumas pesquisas, considerado um instrumento de pesquisa para coleta de dados de um grupo alvo. Pode ser descrita como a obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população-alvo, por meio de um instrumento de pesquisa, normalmente um questionário (Pinsonneault & Kraemer, 1993; Dalfovo et al., 2008). Neste relato de caso foi usado a observação na pré e pós-aplicação de um questionário aos participantes da terapia.

Para o levantamento dos dados, utilizou-se um questionário estruturado de seis variáveis, acompanhados com espaço para respostas escritas. Os itens do questionário foram: *nome; idade; há quanto tempo o participante pertence ao grupo; o que o participante sente quando participa do grupo; se o grupo mudou algo na vida do participante; e quais mudanças ele considera importante*. O questionário foi previamente explicado e aplicado no dia 09 de julho de 2019 para 20 participantes, dos quais todos responderam, sendo 17 mulheres e 3 homens, com idades entre 13 e 79 anos, sendo todos participantes do grupo terapêutico da UAPS Luís Franklin. Os critérios de inclusão dos participantes em participar do questionário foram: assiduidade no grupo terapêutico e concordância em participar.

A partir dos significados extraídos, por meio de uma revisão bibliográfica, o propósito foi articular os dados obtidos com a literatura proposta, compreendendo revisão bibliográfica como caminho para um aprofundamento teórico das experiências, onde se tem o universo das contribuições científicas para uma determinada área do conhecimento. Então, esses resultados foram apresentados em forma de relatado de experiência das acadêmicas e foram discutidos com a literatura pertinente.

Quanto aos aspectos éticos, nenhum participante foi identificado. Para tanto, os princípios éticos da pesquisa foram garantidos segundo a legalidade e a moralidade dos atos científicos, além do sigilo. Além disso, o trabalho está pautado no código de ética profissional de Psicologia e de Medicina segundo as resoluções do Conselho Federal de Psicologia CFP N° 010/05 e do Conselho Federal de Medicina CFM N°1931/2009 (CFP, 2005; CFM, 2019).

3. Resultados e Discussão

A terapia comunitária foi realizada, em 2020, na UAPS Luís Franklin com a participação de 20 usuários, sendo 17 mulheres e 3 homens, com idades entre 13 e 79 anos, e as duas acadêmicas. A sessão foi conduzida pela terapeuta e a co-terapeuta nas dependências da unidade de saúde.

Os passos metodológicos da terapia comunitária se deram da seguinte maneira: todos se apresentaram, falando o nome e sua expectativa. Uma das condutoras iniciou fornecendo instruções sobre a atividade (fazer silêncio, não dar conselhos, falar em primeira pessoa, não julgar, não fazer análise, dentre outras) e fez uma acolhida, logo depois, os participantes interessados relataram seu principal problema caracterizando um momento de partilha de experiências.

Após uma votação, um problema foi escolhido para ser trabalhado dentro de uma metodologia compreensível, sensível e coletiva, e a pessoa escolhida, por meio da votação, detalha sua experiência. Neste momento, os componentes do grupo podem fazer perguntas para a pessoa escolhida. Dependendo da ocasião, canta-se músicas para acalantar, recita-se poesias para confortar, além de outras ações acolhedoras.

Após essa etapa, os participantes da terapia que tiveram experiências semelhantes começam a compartilhá-las e comentam como foram resolvidas. E ao final da terapia, tem o encerramento com cantos e ações de acolhimento. Ao final da sessão de TC foi aplicado um questionário para uma melhor compreensão e dar subsídios para que as acadêmicas pudessem

relatar todo o processo.

Segundo Filha et al. (2015), a terapia comunitária possui cinco pilares teóricos: resiliência, pedagogia de Paulo Freire, a antropologia cultural, o pensamento sistêmico, e a teoria da comunicação humana. Sendo assim, tendo como base os pilares teóricos, consegue-se tecer um paralelo entre os mesmos e os efeitos da TC na vida das pessoas que participam dos encontros, através de seus relatos.

A TC mostra-se como um trabalho colaborativo de uma equipe de saúde capacitada para ofertar o cuidado que a assistência se limita. Traz a educação interprofissional em saúde (EIP) como uma potente estratégia de redução da crise mundial na força de trabalho na saúde, aliado ao cuidado subjetivo do usuário dos serviços de saúde (OMS, 2010). Essa terapia apresenta alicerces teóricos sobre a importância de perceber a pessoa em seu contexto, como parte indissociável de uma rede de relações. Ela pode contribuir para a inclusão social e apoio à saúde mental, por ser um espaço de escuta, de acolhimento, de partilha, reflexões e estratégias de enfrentamento para conflitos pessoais e familiares, criando uma teia de relação social e vínculos saudáveis dentro do território (Junior et al., 2022).

Conforme Freire (2004), o processo educativo acontece em duas vias, ou seja, todos somos educadores-educandos. Na TC, isso significa que o próprio sujeito pode ser analista dele mesmo e das pessoas ao seu redor, assim, com essa percepção, através do diálogo com o outro e trocas de experiência, em que uma escuta e autoriza a fala, o sujeito torna-se ativo, dono de suas próprias decisões. Consegue enxergar-se na experiência vivida do outro. Neste momento, as acadêmicas puderam nota-se que os usuários se apoiam uns nos outros, quando a situação conflitante é semelhante. Há um fortalecimento no grupo submetido a TC, um amadurecimento e um clareamento para a condução da resolutividade do problema.

O TC ajuda a formar vínculos, afetivos e sociais, criando ou recriando comunidades, onde o sentido de pertencimento não existe ou está fragilizado. As pessoas deixam de se sentirem diferentes, reconstruindo a sua identidade por equivalência com as histórias de vida pelo seu colega de grupo, que pode até mesmo ser um completo estranho até então. Criam-se laços, amizades, simpatias, empatia (Filha et al., 2015). Esse cenário ajuda aos usuários na resolução das suas condições de saúde, que na maioria dos casos, a saúde mental é afetada, mas ela é reconstruída e reformulada no processo de aceitação do sujeito.

Dessa maneira, na TC existe o respeito à participação e ao protagonismo. Valoriza-se a singularidade dos sujeitos e a horizontalidade do diálogo (Reinheimer & De Camargo, 2022). Na prática da TC todos têm igualmente direito a “vez e voz”, o que significa uma prática de horizontalidade. Não há hierarquia, não existem os “donos do saber”; todos os participantes de uma roda podem aprender com os relatos de histórias vividas e com as soluções encontradas por cada um.

A terapia tem um poder transformador na vida dos usuários, quando estes mergulham neste processo longitudinal. Os usuários passam a enxergar a vida com outros olhos, com relação ao próximo, firmam a aprendizagem de reconhecer valores, respeito, confiança, proximidade. Percebem que o fato de acolher sempre que precisar, sem cobranças, discriminação de fato faz diferença na vida do sujeito. Alguns usuários demonstram alegria no suporte e compreensão em relação aos seus problemas expostos.

A terapia comunitária, através do processo de autoconhecimento, em que as falsas autoimagens, fruto, muitas vezes, da cultura em que o sujeito está inserido, transformam-se em imagens e autoconceitos positivos. A TC vem contribuindo para reverter o quadro de adoecimento provocado pelo estresse contínuo, desesperança, abandono e insegurança que configuram a síndrome da miséria psíquica, resultado de uma tríplice perda: perda de confiança em si, nos outros e no futuro. A pessoa perde o seu bem maior. Não crê mais no seu potencial, se desvaloriza, sente-se nula tanto em sua família e na sociedade e não mais merecedora do amor dos outros (Carvalho et al., 2021).

Dessa maneira, ao entrar em contato com si mesmo, ao deparar-se com sua identidade, origem, sua história de vida, o indivíduo consegue libertar-se das amarras impostas pela sociedade. A partir desse movimento, ocorre a recuperação de autoestima, ao emancipar-se dos estereótipos e preconceitos internalizados pelo seu opressor, o sujeito inserido na TC

consegue ver-se como escritor de sua vida. As acadêmicas puderam perceber tal fato ao final da sessão, onde os usuários puderam expor suas fragilidades e, ao mesmo tempo, suas fortalezas com ajuda do grupo.

A terapia traz reconforto o qual é transbordado por meio da alegria e aceitação. Em alguns casos, é o momento no qual o sujeito enxerga que existe superação além de seus sofrimentos e que ele está inserido em uma rede de apoio comunitário (Junior et al., 2022). Segundo as acadêmicas, os usuários apontaram melhoras do antes e depois da sessão. Ao final da sessão, percebeu-se ânimo e estímulo para viver.

Nessa perspectiva, Baumeister e Leary (1995) indicam que os seres humanos possuem uma necessidade básica por pertencimento, os motivando a buscar relações sociais profundas e positivas. Portanto, tal necessidade é fundamental, básica para uma vida saudável e satisfatória e está presente em todos os indivíduos (Branco et al., 2022).

Assim sendo, ao sentir-se pertencente a determinado local, grupo ou comunidade acha que faz parte daquilo e, portanto, identifica-se com o contexto o que gera cuidado, pois aquele ambiente faz parte da vida do sujeito, é como se fosse uma continuação dele próprio. Além de resgatar alguns sentimentos como o amor, valores, ética e respeito no território da Estratégia Saúde da Família (Gonçalves, 2022). Nesse sentido, os participantes do grupo analisado sentem-se pertencentes a ele, ao descreverem o ambiente como local de “acolhimento, valorização, tranquilidade, alegria, segurança, paz”. É nítido a mudança de como os participantes saem da terapia comunitária.

Diante dos benefícios relatados pelos pacientes que participam da terapia comunitária, faz-se necessário sua implementação nas demais unidades de atenção básica à saúde, descentralizando as práticas integrativas e complementares, como forma de minimizar os danos e sofrimentos dos pacientes, onde o tratamento medicamentoso não é suficiente.

4. Conclusão

A terapia comunitária faz partes das práticas integrativas e complementares e mostra-se como um serviço de saúde essencial que deveria estar presente na Atenção Básica, sendo aliada ao processo clínico-terapêutico. Com a inserção da TC nos serviços de saúde pública, amplia-se o vínculo entre profissional e comunidade e estimula o empoderamento da comunidade. As vantagens como o baixo custo e a alta efetividade, confirmam a facilidade em práticas como a TC em ser uma política pública adequada no atendimento das diversas e complexas demandas presentes no contexto social brasileiro.

Ademais, pode-se afirmar que no contexto atual, há uma forte tendência da saúde mental para adotar modelos e práticas de cuidado que invistam no campo psicossocial, e a TC vem se destacando como uma dessas práticas, com fortes possibilidades para potencializar o modelo comunitário. A proposta da terapia comunitária integrativa vem, portanto, somar às práticas comunitárias já existentes, apresentando-se como uma abordagem efetiva e promissora para a imensa demanda por serviços de atenção à saúde mental.

Como sugestões para pesquisas futuras, aconselha-se desenvolver pesquisas na aplicação da terapia comunitária na melhoria da qualidade de vida dos usuários participantes. Além disso, é importante analisar o impacto desta participação na vida social destes usuários.

Referências

- Andrade, J. V., & Araújo, D. C. (2019). O Uso da Terapia Comunitária como Estratégia para apoiar Estudantes. *Vivências*, 15(28), 165-170.
- Baumeister, R. F.; Leary, M. R (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, 117(3) 497-529.
- Branco, A. C. R., Silva, A. G., Santos E. C., Monteiro F. E., Marucci M. B (2022). A gestão dos serviços de acolhimento para adultos e o atendimento de usuários que apresentam demanda de saúde mental. *Revista Paulus Social*, 1.

Brasil (2008). Ministério da Saúde. O SUS e a Terapia Comunitária. Fortaleza.

Brasil (2006). Ministério da Saúde. Portaria nº 971, de 3 de maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde.

Carvalho M.A.P., Dias M.D., Almeida S.A., Ribeiro R.L.R., Silva P.M.C., Filha M.O.F. (2021). Terapia Comunitária e sofrimento psíquico no sistema familiar: um enfoque baseado no novo paradigma da ciência Cien Saude Colet, 26(12) 6211-6221.

CFM (2019). Conselho Federal de Medicina. Código de Ética Médica: Resolução CFM nº 2.217, de 27 de setembro de 2018, modificada pelas Resoluções CFM nº 2.222/2018 e 2.226/2019. Brasília.

CFP (2005). Conselho Federal de Psicologia. Resolução CFP Nº 010/05. Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília.

Dalfovo, M. S., Lana, R. A., Silveira, A. (2008). Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, 2(4001- 13).

Ferreira, V. R. T., Mousquer, D. N (2004). Observação em psicologia clínica. Revista de Psicologia da UnC, 2(1) 54-61.

Filha, M. O. F.; Lazarte, R.; Barreto, A. P. (2015). Impacto e tendências do uso da Terapia Comunitária Integrativa na produção de cuidados em saúde mental. Revista Eletrônica de Enfermagem, 17(2): 172-7.

Freire, Paulo (2004). Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo. Paz e Terra.

Gonçalves, C. S. et al (2016). Terapia comunitária integrativa na Estratégia Saúde da Família [monografia]. Universidade Federal de Santa Catarina.

Moura S.G., Filha M.O.F., Moreira M.A.S.P., Simpson C.A., Tura L.F.R., Silva A.O. (2017). Social representations of integrative community therapy by the elderly. Rev Gaucha Enferm. 38(2) e55067.

Mourão, L. F. et al (2016). Terapia Comunitária Como novo recurso da prática do cuidado: revisão integrativa. SANARE-Revista de Políticas Públicas, 15(2).

OMS (2010). Organização Mundial Da Saúde. Marco para Ação em Educação Interprofissional e Prática Colaborativa. Genebra.

Pedroso, G. G., Ferreira, A. C. V. V., Silva, C. C. da, Silva, G. A. B., Lanza, F. M., & Coelho, A. da C. O. (2022). Coleta de dados para pesquisa quantitativa online na pandemia da COVID-19: relato de experiência. *Revista De Enfermagem Da UFSM*, 12, e13.

Pinsonneault, A. e Kraemer, K.L (1993). Survey research in management information systems: an assesment. *Journal of Management Information System*, 10(2) 75-105.

Reinheimer de Bittencourt, E., De Camargo Machado, M. (2022). PROJETO T.I.P.O. ASSIM! - Promoção de Saúde e Protagonismo com Adolescentes. *Revista Contexto & Educação*, 37(117) 96-107.

Richardsom, R. J. (1999). Pesquisa social: métodos e técnicas. 3 Ed. Rev. EAmpl. São Paulo. Atlas.

Urits I., Schwartz R.H., Orhurhu V., Maganty N.V., Reilly B.T., Patel P.M., Wie C., Kaye A.D., Mancuso K.F., Kaye A.J., Viswanath O. (2021). A Comprehensive Review of Alternative Therapies for the Management of Chronic Pain Patients: Acupuncture, Tai Chi, Osteopathic Manipulative Medicine, and Chiropractic Care. *Adv Ther.* 38(1):76-89.

Junior W. L., Costa I. C. P., Felipe A. O. B., Terra F. S., Pereira S. A., Bressan V. R. (2022). Terapia Comunitária Integrativa como instrumento de cuidado à saúde mental de estudantes universitários. *Brazilian Journal of Development*, 8(1) 253-277.